

# Economia.

**Crédito engorda  
renda de avicultor  
no Estado**  
Pág. 26

EDITORA:  
**ELAINE SILVA**  
ecferreira@redgazeta.com.br  
Tel.: 3321.8327  
agazeta.com.br/dinheiro



## O DRAMA DA INDÚSTRIA SALÁRIO DE OPERÁRIOS SOBE, E PRODUÇÃO SÓ CAI

Custo do trabalho cresceu 13% em 3 meses; há risco de cortes

▄ **ABDO FILHO**  
afilho@redgazeta.com.br

A forte queda de produção registrada pela indústria do Espírito Santo nos primeiros meses de 2013 fez explodir os custos do setor. Entre janeiro e março deste ano, o custo do trabalho da indústria geral no Espírito Santo subiu 13,1% ante o mesmo período de 2012. Na segmento de transformação, um salto ainda maior, de 18,6%. A variação fica bem acima da registrada na média nacional: 1,6% no geral e 1,1% na indústria de transformação. Os números são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Federação das Indústrias do Estado (Fines).

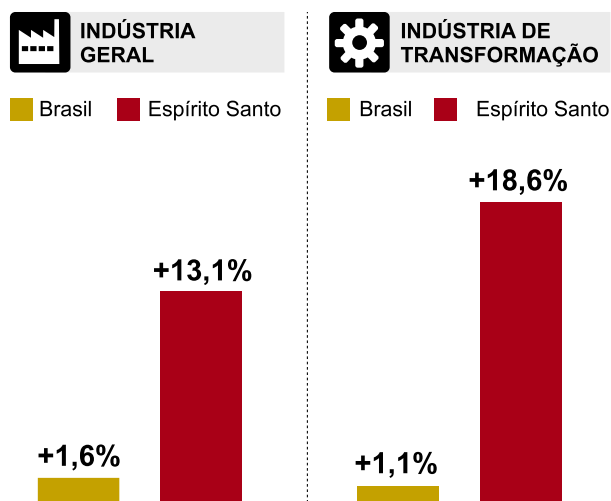
Enquanto a produção industrial capixaba encolheu 11,5% no primeiro trimestre, a folha de pagamento média mensal subiu 4,1%. Ou seja, o salários aumentou, mas a produção não acompanhou. Com menos produto e mais gasto, outro indicador básico da economia, a produtividade, vai lá para baixo. Foi o que aconteceu no Espírito Santo nos primeiros três meses do ano. No geral, enquanto o indi-

### SETOR SOFRE

Com queda da produção industrial, custo unitário do trabalho dispara no Espírito Santo

#### CUSTO DO TRABALHO

Variação acumulada no primeiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012



Fontes: IBGE e Fines

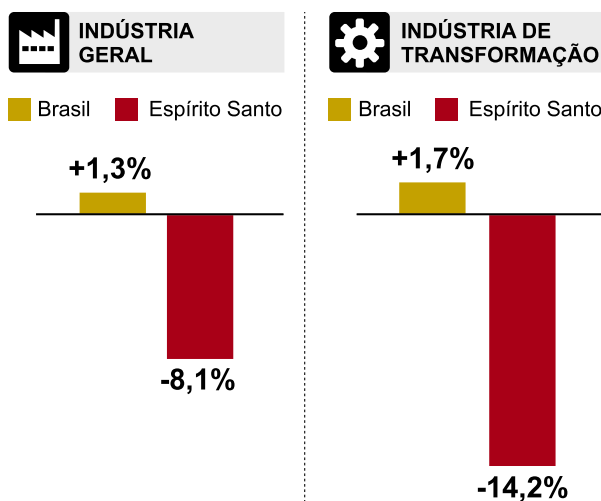
cador nacional subiu 1,3%, o local despencou 8,1%. Na transformação, uma situação ainda pior, queda de 14,2% no Estado e alta de 1,7% no Brasil.

“Tivemos uma forte queda na produção (provocada pela crise econômica) nos primeiros meses do ano (-11,5%) ao mesmo tempo que nossa folha de pagamento subia

(4,1%). O nível de pessoal ocupado nos primeiros meses de 2013 recuou apenas 3,7%, enquanto a produtividade caiu 8%. Ou seja, a produtividade foi lá para baixo, mas a indústria praticamente não demitiu e ainda houve os reajustes salariais”, explicou o diretor-executivo do Instituto de Desenvolvimento Educacional e In-

#### PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

Variação acumulada no primeiro trimestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2012



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

dustrial do Espírito Santo (Ideies), Doria Porto.

Diante deste cenário, há dois caminhos: ou a produção industrial volta a crescer ou as demissões serão aceleradas. Segundo o presidente da Fines, Marcos Guerra, desde novembro do ano passado, as empresas estão fazendo malabarismo para segurarem profissionais.

“Nossa força de trabalho é pouco qualificada, ninguém quer demitir um funcionário treinado. Mas, diante destes custos e desta produção, vamos ter que dispensar neste segundo semestre. No ano passado, vários segmentos, por decisão da Justiça, tiveram de dar reajustes salariais muito acima da realidade. A construção civil teve de dar 14%.

Nossa competitividade está abaixo da média nacional”.

Aristóteles Passos Costa Neto, presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil, afirma que o seu setor pena há anos com aumentos acima da produtividade. “Ano passado fomos obrigados a dar 14%, neste ano, 9,5%, além dos benefícios. O problema é que não temos contrapartida por parte da produtividade. O custo do trabalho no Estado está muito alto, a situação é muito preocupante, empregos e investimentos estão sob risco”.

Apesar do momento complicado, o presidente da Fines acredita num segundo semestre melhor. “Sou sempre otimista, acho que devemos nos recuperar nos próximos meses, principalmente a indústria de transformação, mas não sei qual é ponto de equilíbrio para que demissões sejam evitadas”.

Entre janeiro e maio, a indústria capixaba acumula queda de 10%. Depois de cinco meses de queda, a produção teve variação positiva em abril (0,65%), mas voltou a cair no mês retrasado, -0,3%.

## Baixa qualificação desacelera desempenho

▄ Em 2011, a hora de trabalho na indústria era de US\$ 11,65 no Brasil, quase o dobro dos US\$ 6,48 do México, mas abaixo dos US\$ 15,91 da Argentina, segundo dados do Escritório de Estatísticas do Trabalho dos

EUA (BLS, na sigla em inglês). Os números são bem menores que os de países desenvolvidos como Estados Unidos (US\$ 35,53), França (US\$ 42,12) e Alemanha (US\$ 47,38).

Ao mesmo tempo, dados

da instituição de pesquisa americana The Conference Board apontam que o desempenho da produtividade no país está aquém do de outros emergentes. Em 2012, a produtividade no Brasil caiu 0,3%, na contra-

mão do crescimento de 1,8% no mundo e de 4,8% nas maiores economias emergentes. O comportamento do país foi classificado pela entidade como um “declínio dramático”. O Brasil já vinha registrando

desaceleração: a expansão da produtividade, que tinha sido de 4,1% em 2010, caiu para 0,7% em 2011.

A falta de mão de obra qualificada e a disputa por pessoal com o setor de serviços, o mais dinâmico da economia, fez cair a produtividade da indústria. Apesar da queda da produção

de 2,7% em 2012, o quadro foi reduzido em 1,4%, e os salários subiram 4,3%.

Para especialistas, qualificação, ambiente regulatório menos espinhoso e investimento em equipamentos são alguns dos aspectos que deveriam melhorar no país para garantir maior produtividade.